FUNDADOR — JOAQUIM MANSO SEXTA-FEIRA, 3 DE NOVEMBRO DE 1961 ANO 41.º — NÚMERO 13 970

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOA
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 e 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

A princesa Margarida teve hoje um filho

Tony manifestou grande alegria ao receber a notícia

LONDRES, 3 — A princesa Margarida teve esta manhã uma criança do sexo masculino. Anunciou-se que tanto a mãe como o filho se encontram bem.

O novo príncipe substitui o duque de Gloucester no quinto lugar da linha de sucessão ao trono, a seguir aos três filhos da rainha Isabel e á princesa Margarida.

O nascimento ocorreu na capital britanica, em Clarence House, para onde a princesa e o marido — ex-fotógrafo Anthony Armstrong-Jones, recentemente feito conde Snowdon — se tinham mudado ontem, para ali esperar o seu primeiro filho. Foi no quarto em que nasceu a princesa Ana, a filha da rainha Isabel II, que Margarida deu á luz um rapaz cujo nome não será conhecido já, mas que deve ser tornado publico dentro de 42 dias. Contudo sabe-se que o bebé será conhecido por visconde Linley de Nymans, dois nomes tirados da árvore genealógica do pai, o ex-«plebeu da família».

Os médicos que assistiram ao parto foram quatro: John Peel, Vernon Hall, John Weir e lord Evans.

Anthony Armstrong-Jones e a rainha-mãe Isabel foram os primeiros a ser informados do feliz acontecimento. A rainha Isabel II recebeu a notícia quando condecorava dezenas de personagens. O duque de Edimburgo teve conhecimento do bom sucesso da cunhada, durante a visita a um hospital de Leeds. «Óptimo, é um grande alivio para toda a gente» — disse aos jornalistas que o interrogaram.

A rainha Isabel II visitou ao princípio da tarde a irmã, poucas horas depois de esta ter o bebé.

Em poucos minutos, pela Rádio e pela Televisão, toda a Grã-Bretanha soube a novidade.

Em matéria de profecias, os astrólogos especialistas destes assuntos e que, na sua maioria, tinham predito uma filha, ficaram mais uma vez confundidos.

A multidão que aguardava em frente de Clarence House rompeu em aplausos ao saber do nascimento.

«E' um rapaz», gritaram alegremente, entusiásticamente, centenas de pessoas.

Desde as primeiras horas da manhã, muitos curiosos foram engrossando as fileiras dos jornalistas e dos fotógrafos que desde a véspera se revezavam sem descanso, diante de Clarence House.

Muito antes do nascimento do

(Continua na página central)

DOIS RAMOS de rosas vermelhas *de Tony* para Margarida

LONDRES, 3. — «A princesa e eu estamos literalmente transportados de alegria» — declarou Tony Armstrong-Jones, agora «lord» Snowdon.

Tony mandou entregar a Margarida dois ramos de rosas vermelhas, um antes do nascimento e outro depois.

Logo que nasceu, o menino foi apresentado ao pai e á avó materna, a rainha-mãe Isabel, que visitou, a seguir, a filha.— (F. P.).

A vivacidade do diálogo eleitoral não abranda apesar de estarmos a mais de meio da Campanha

Está a findar a penultima semana do período reservado á campanha eleitoral, que fica assinalada por dois factos essenciais: a entrega na Presidência da Republica do documento elaborado pelos candidatos oposicionistas, na reunião de Coimbra, e as declarações do ministro de Estado adjunto do Presidente do Conselho, de que resultou a autorização para a publicação do «Programa para a Democratização da Republica».

Coincidindo com estes dois factos, de incontestável importancia e significado, assistiu-se esta semana á intensificação do diálogo entre o Governo e oposicionistas. Estes, nos seus comunicados, notas á Imprensa e dicursos eleitorais, formularam acusações e criticas a que o Governo, em notas oficiosas, tem respondido. Ainda hoje temos a nota oficiosa do Ministério do Interior sobre a detenção de várias individualidades oposicionistas e signatárias do Programa. O Ministério diz que as prisões se não devem ao facto de terem assinado o Programa, mas a outras circunstancias.

Entretanto, a campanha prossegue com a vivacidade habitual nestas ocasiões.

Mennen Williams acusa a Katanga de recomeçar a luta

EVANSTON (Illinois), 3. — O secretário de Estado adjunto americano, para as Questões Africanas, Mennem Williams, num discurso preparado para a inauguração da Casa de Africa na Universidade do Noroeste, nesta cidade, acusou o Governo de Katanga pelo recomeço da luta no Congo. Disse ainda que o regime de Katanga iniciara as hostilidades na fronteira entre Katanga e Kasai, violando as resoluções das Nações Unidas. Acrescentou: «Opomo-nos enérgicamente a tais acções». — (R.).

O artigo do eng.º Cunha Leal

Não nos sendo possivel inserir hoje o artigo do eng. Cunha Leal, intitulado «A crise ultramarina e a reclamação dos direitos de cidadania», esperamos poder publicá-lo amanhã. Pedimos desculpa do facto aos nossos leitores, sempre tão compreensivos para com as faltas dessa natureza.

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
20
PÁGINAS
nas quais se inclui
AUTOMOBILISMO

Nota do dia

ELEIÇÕES E TOTOBOLA

Dois acontecimentos da vida nacional sobrelevam neste momento todos os outros e constituem o tema obrigatório de todas as conversas e o objecto mais caro das nossas preocupações: eleições e totobola. Ignoramos até que ponto um destes acontecimentos levará vantagem sobre o outro. Estamos em crer, porém, que se discutem menos as probabilidades dos candidatos do que os resultados prováveis dos desafios. Que há menos interesse pelos votos que entrem nas urnas do que pelas bolas que consigam entrar nas balizas. Não deixará de haver jogos de futebol no dia das eleições. Evidentemente que uma coisa não impede a outra. Mas não se pode, por enquanto, sob pena de cometer um erro grosseiro, calcular qual será maior, se a concorrência às secções de voto, se aos campos de futebol. Em qualquer dos casos, estamos certos de que os Portugueses não deixarão de cumprir a sua obrigação, entregando nas urnas o boletim de voto e na Santa Casa a matriz do totobola. Por um lado, o dever cívico e o uso de um direito expresso na lei constitucional e, por outro lado, o dever moral de contribuir para a cruzada benemerente da Santa Casa, habilitando-se, ao mesmo tempo, a melhorar o seu nível de vida por um processo económico e simples. Porque a verdade é que, se não for por este sistema ou por outro semelhante — há quem recorra a processos desaconselhados pela lei penal — não se sabe quando alcançaremos o almejado nível. Como quer que seja, mantem-se o ambiente de expectativa à volta destes dois acontecimentos nacionais. E se aplicassem ás eleições o sistema do totobola, estabelecendo prémios para aqueles que se aproximassem mais dos números expressos pelo escrutínio, não seria dificil acertar em todos os resultados. O bolo é que não chegaria para satisfazer as necessidades de todos os concorrentes. E, nesse caso, não haveria outro remédio senão oferecê-lo para uma obra de caridade, para as Florinhas da Rua, por exemplo, ou para a Liga Portuguesa dos Deficientes Motores.

VIDA ECONÓMICA

Custos humanos do subdesenvolvimento (2)

por ECONOMISTA

As condições de entrada no trabalho da população revestem-se de grande importancia de um ponto de vista puramente económico. Com efeito, se em ultima análise a eficiência económica de uma sociedade depende da produtividade do trabalho da sua população, é fácil compreender, nessa perspectiva, a importancia das seguintes questões: idade de entrada no trabalho, em correspondência com as habilitações culturais com que essa entrada se processa; orientação seguida na escolha da profissão. Fundamentalmente estão em causa, por um lado, um sistema de acesso á educação e a cultura e, por outro, uma politica de formação profissional e de emprego. Não é, todavia, nosso intuito, por esta

(Continua na 14.ª página)

ROTEIRO DO «INFANTE» (4)

MOÇÂMEDES prepara o seu novo porto para competir com o Lobito ou mesmo para o ultrapassar

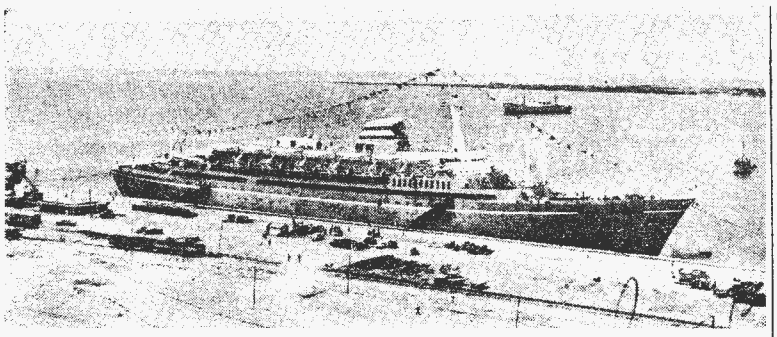
por MAURÍCIO DE OLIVEIRA

MOÇAMEDES, Outubro — Onze horas depois de Luanda, o «Infante Dom Henrique» entrou na baía do Lobito, cuja barra se estreita dia a dia devido ao preocupante crescimento da restinga no sentido do Norte. E' um fenómeno que está a chamar a atenção dos técnicos e que precisa de solução. O Lobito continua, porém, a ser o magnifico porto da costa ocidental africana, conhecido de toda a navegação, pelos seus belos cais, pelo seu excelente abrigo e pelo grande tráfego de passageiros e de mercadorias que por ali se escoa. A cidade, por seu turno, vai-se desenvolvendo enquadrada por uma inteligente urbanização. Tem como competidora Benguela, sua vizinha de trinta quilómetros, sede do Governo do

(Continua na 14.ª página)

Visado pela Comissão de Censura

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.



O «Infante Dom Henrique» no Lobito

O CRUZEIRO DO INFANTE

(Continuação da 1.ª página)

distrito, velha cidade africana, hoje remodelada por elegantes bairros residenciais de linhas harmónicas e de agradável arquitectura.

O Lobito tem o seu porto que é o seu orgulho: Benguela tem a sua tradição que é a sua história. A pequenina Benguela de outrora, reconta quase aos primórdios da própria Angola, como berço de uma imensa vida económica e agrícola, como centro comercial de primeira grandeza. Na verdade, esta Benguela que hoje encontramos, modernizada, rejuvenescida, alargando-se por uma já vasta área, é uma das cidades do litoral de mais acentuado sabor ultramarino. Benguela dos nossos dias não enjeita o seu passado de casinhas baixas e de frondosas árvores, porque se orgulha dele, erguendo os seus edifícios modernos ao lado daqueles que constituem, afinal, relíquias e padrões de um passado de trabalho e de glória — a velha Benguela onde homens da têmpera de Bernardino Correa forjaram o seu carácter e temperaram os seus nervos para enfrentar e vencer longos anos cheios de trabalhos e de canseiras, mas também de reconfortantes triunfos. Benguela fala-nos disso muito do nosso passado em Africa.

Moçâmedes — o futuro competidor

Mas umas horas para o Sul e está Moçamedes, recanto que era, não ainda há muitos anos, terra de aparente desolação, entalada entre o deserto imenso e o mar sem fim, oásis de vida e de trabalho no limite áspero das areias a perder de vista. Era assim Moçamedes. Era assim há trinta anos, quando aqui desembarquei pela primeira vez, foi assim ainda durante muito tempo. A gente de Moçamedes—a única cidade de Angola onde há um português branco por cada português preto — registava com certa amargura que os tempos passavam, que outros progrediam e que eles estagnavam. Os navios ficavam ao largo. O movimento de carga era reduzido, em grande parte por isso mesmo. Perdia-se um porto, um cais acostável, um caminho de ferro de penetração. No dia em que tudo isso se fizesse, abrir-se-ia para Moçamedes uma vida nova. Tinham razão os que assim pensavam. Quando aqui estive ainda há poucos anos, o novo porto despontava sob a falésia. Quando hoje olhei a terra, da ponte alta do «Infante Dom Henrique», encontrei na proa do navio centenas de metros de cais acostável, combóios a circular, navios acostados... O porto de Moçamedes, embora ainda não concluído, está ali. Mas agora—que o principal está feito — tudo irá depressa. Já chegaram os guindastes que hão-de meter o minério de Cassinga a bordo dos grandes cargueiros que o levarão para a Alemanha; já se fechou contrato para a construção de amplas armazéns; afinal-se a pavimentação da vasta área do porto e, simultaneamente, trata-se-á da instalação de luz e força.

E' uma grande, uma notável obra aquela que encontra em Moçamedes quem aqui não venha há quatro ou cinco anos. Esta é verdadeiramente uma daquelas obras que honram a nossa capacidade de realização e de valorização da Africa Portuguesa. Do terreiro da fortaleza, onde duas gazelas em bronze parecem mirar o oceano depois de louca corrida pelo deserto adusto, admira-se com encantamento a nova fisionomia marítima de Moçamedes e adquire-se a certeza de que, atrás desta meritória obra portuária, hão-de vir muita riqueza e muita prosperidade económica para o pequeno burgo de outros tempos. Essa praia de pescadores, que foi refúgio de poucos mas corajosos europeus de ânimo forte, é hoje uma cidadezinha implantada ao longo de largas e bem lançadas artérias que desaguam em aprazíveis jardins ou nos conduzem até às pérgolas floridas e perfumadas donde a vista se espraia numa ofuscante contemplação do oceano. Moçamedes está outra, mas em ser outra ainda mais bela e mais progressiva.

A voz dos números

Como se processará esse progresso? Quanto ao milho, por exemplo, basta considerar alguns números esclarecedores. Em 1957, exportaram-se por Moçamedes umas 50 000 toneladas. Depois, durante muitos anos, a exportação foi nula, em grande parte devido à circunstância dos preços da camionagem tornarem impeditiva a sua utilização para trazer o produto até ao litoral. Entretanto, o caminho de ferro de Moçamedes foi penetrando gradualmente o interior e, em 1959, já se exportaram por Moçamedes 18 000 toneladas de milho, número que subiu em 1960 para 28 000 toneladas e que deve atingir, até ao fim deste ano, cerca de 40 000. Dois factores de importância capital para este notável surto: o caminho de ferro, que vai já hoje até 800 quilómetros do litoral, e o cais acostável onde a mercadoria chega nos vagões até à borda dos navios. Paralelamente ao milho, outros produtos tornam encorajadora a posição económica do distrito de Moçamedes: as pescas, este ano muito animadoras, e consequentemente as conservas e as farinhas de peixe, os mármores, extraídos a uns 120 quilómetros da cidade e trabalhados numa fábrica bem aperetrechada onde me foi dado observar belos padrões; algumas madeiras e certas frutas, a carne congelada, cuja indústria é muito recente aqui, embora já com boas perspectivas; o algodão e o trigo, que vão tentar-se nos colonatos do Cunene e da Matala, onde se criam importantes núcleos de europeus e, por último, o minério de ferro de Cassinga, que constitui a própria crosta da terra e que se colhe como se apanha areia num deserto... Precisamos de montar depressa os guindastes em Moçamedes, porque na área do porto estão amontoadas umas trinta mil toneladas de ferro, pequena cordilheira de minério que aumenta cada vez que chega um comboio do interior a abarrotar e que é preciso ir escoando para o seu destino — a Alemanha Ocidental.

O porto de Moçamedes tornar-se-á em poucos anos num sério competidor do de Lobito e talvez venha mesmo a superá-lo em tráfego. Veremos.

Não se pode falar em Moçamedes sem falar no Caraculo — a região onde se criam os famosos carneiros cujas peles fazem a felicidade de muitas senhoras. Procura-se melhorar o grave problema dos pastos, tantas vezes complicado pela falta de chuvas. Tenho pena de não haver lá ido agora de novo. Mas seja como for, posso dizer que se teima e se trabalha no Caraculo com uma persistência e uma coragem bem portuguesas, predicados que o dr. Santos Pereira encarna perfeitamente valorizando-os ainda com a sua incontestável capacidade profissional.

Moçamedes impressiona hoje profundamente o visitante. Tenho de agradecer a quem foi tão meu amável cicerone — António Lopes de Faria — um homem de bem que fez por aqui, em quarenta anos de Angola, o seu nome e o seu prestígio, a oportunidade que me proporcionou. Mas há que felicitá-lo também. Ele, que viveu a infância desta Moçamedes, outrora desolada e sozinha, tem agora a compensadora alegria de a ver na pujança desenvolvimento da sua maioridade, caminhando com segurança para um futuro que já está à vista.

M. de O.

VIAGEM-CONCURSO em automóvel através da Suábia

Organizada pela Associação Regional de Turismo de Wurtemberga, realiza-se, desde já, até 30 de Junho de 1962, uma viagem-concurso em automóvel através da Suábia, famosa região turística do sudoeste da Alemanha, entre o Reno e o Danúbio, o lago Constança e o Meno.

Podem participar automobilistas de todos os países, que terão de fazer a sua inscrição por escrito na Associação Regional de Turismo de Wurtemberga, Stuttgart 8, Charlottenplatz 17, sob a designação de «Viagem-concurso em automóvel», e pagar oito marcos. Os concorrentes, após a inscrição, receberão um caderno do concurso, onde estão designados os locais escolhidos para a prova e onde há um questionário a que o concorrente terá de responder; um distintivo para o veículo, para ser colocado em lugar bem visível; e matéria de propaganda turística sobre Wurtemberga.

Dos cadernos da prova fazem parte as gravuras de vinte locais do percurso, que o concorrente terá de identificar, por ordem arbitrária, no tempo estipulado para as várias interrupções. Cada gravura é acompanhada de duas perguntas, que terão de ser respondidas com exactidão. Durante o tempo da prova, cada concorrente terá de utilizar pelo menos quatro alojamentos na região de Wurtemberga; e isto será depois provado. Há no caderno de cada concorrente determinadas folhas destinadas ao «controle» dos vinte locais designados e dos quatro hoteis ou parques de campismo utilizados para alojamento.

Os cadernos dos concorrentes devem ser enviados até 10 de Julho de 1962 à Associação Regional de Turismo de Wurtemberga, Stuttgart, Apartado 1365. Os concorrentes, que não tenham satisfeito todas as condições, devem, no entanto, enviar os seus cadernos, pois terão direito a um sorteio, podendo ganhar prémios valiosos.

O sorteio será realizado em 25 de Julho de 1962. Não haverá prémios em dinheiro, mas sim valiosos brindes e viagens de férias. Cada concorrente que tenha, pelo menos, adivinhado dez dos locais, receberá uma artística medalha, como recordação.

MANIFESTAÇÃO ANTI-AMERICANA em Tóquio

TÓQUIO, 3 — Depois de breve escaramuça, a Polícia dispersou esta manhã, em Hakone, um grupo de manifestantes que se dirigia para o edifício onde está a realizar-se a conferência interministerial nipo-americana com a presença do secretário de Estado dos Estados Unidos, Dean Rusk.

Os manifestantes, elementos do Partido da Juventude Democrática, eram portadores de cartazes onde se lia: «Vai-te embora, Rusk», «Conferência de guerra na pacífica Hakone» e «Somos pelas experiências nucleares de Kruchtchev». — (F. P.).

Vida económica

(Continuação da 1.ª página)

vez, levantar os aspectos estritamente económicos apontados. Na sequência das considerações feitas em nota anterior sobre os custos humanos do nosso subdesenvolvimento, interessa-nos fixar, apenas, as implicações humanas resultantes do que se verifica no País quanto a esta matéria.

De 2500 jovens trabalhadores, objecto de um inquérito realizado pela Juventude Universitária Católica em 1956, 68 % afirmaram ter começado a sua vida de trabalho com menos de 14 anos, tendo 20 % entrado na profissão entre os 9 e os 11 anos de idade. Claro que à face da lei esta situação não deveria verificar-se; mas sabe-se como o atraso económico e social não se vence proibindo a pobreza. Mesmo que o custo directo da educação dos filhos seja mínimo ou nulo, há sempre um custo indirecto para o agregado familiar resultante da renuncia aos rendimentos do seu trabalho, renuncia que pode ser pràticamente impossível quando os rendimentos globais do agregado não atingem o mínimo sociológico necessário. E' assim que 81 % dos inquiridos declararam não ter continuado a estudar por falta de recursos económicos e pela necessidade de ajudarem a família. Ora quanto mais cedo se dá a entrada no trabalho, maiores são em princípio as potencialidades da personalidade que são sacrificadas, uma vez que a simples aprendizagem no trabalho, não deve ser senão o termo de um processo de formação humana: acresce que o ingresso prematuro de crianças e adolescentes nas fábricas, oficinas, e outros lugares de trabalho exerce normalmente efeitos perniciosos de ordem espiritual e moral. Quanto a este último ponto, ainda segundo os dados do mesmo inquérito, se 36 % afirmaram ter encontrado por parte dos operários mais velhos «carinho, compreensão e apoio», pràticamente outros tantos afirmaram ter sido desde sempre tratados como operários adultos.

Se nos preocuparmos, agora com o aspecto da orientação e formação profissionais, ainda o citado inquérito nos dá uma expressiva amostra da situação: enquanto 77 % dos jovens operários não tinham mais do que a 4.ª classe, cerca de 73 % afirmaram não ter recebido na escola qualquer preparação para a sua vida de trabalho. Além disto, as respostas a outras questões demonstraram uma ausência completa de orientação profissional: uns afirmaram que a vocação não tinha influído na escolha da profissão, pois ninguém se preocupara com tal aspecto — nem os pais, nem os professores, nem o Estado — outros apenas se preocuparam em escolher uma profissão «em que se ganhe», e mais de metade simplesmente aceitou o primeiro emprego que lhe apareceu. Nova perspectiva em que se revelam frustrações, potencialidades para sempre condenadas.

Além da situação sanitária da população portuguesa, das condições de entrada na profissão nos meios operários um outro campo de observação nos vai revelar, talvez ainda mais profundamente, a paisagem humana do subdesenvolvimento, através de alguns dados sociológicos relativos às zonas mais desfavorecidas do País.

As regiões do País com problemas sociais mais graves são aquelas onde mais se generalizou o processo de proletarização. Em vastas áreas do Sul, os baixos salários, as crises de desemprego ou a instabilidade profissional, os contrastes sociais, a impossibilidade de acesso à pequena propriedade, entre outros factores, conduziram à formação de um proletariado rural. Em zonas industrializadas, por outro lado, um processo idêntico de proletarização se tem verificado, embora com conteúdo sociológico algo diferente: são as condições de trabalho na fábrica, a concentração em meios urbanos em más condições de alojamento, a debilidade dos organismos de protecção dos interesses laborais, ainda os rendimentos insuficientes, que ai, sobretudo, determinam a proletarização. Uma vez mais nos interessará apenas, de momento, fixar implicações ou reflexos morais e espirituais do fenómeno.

A correlação entre miséria e crise moral pode ser revelada por um índice simples: as percentagens de filhos ilegítimos nas várias zonas do País. Ora, é nos distritos de Setúbal, Evora e Beja que tais percentagens são mais elevadas, precisamente aqueles onde é mais intensa a proletarização operária e rural. Se quisermos investigar mais de perto o que se passa no Alentejo, poderemos recorrer ao depoimento impressionante de um sacerdote num trabalho intitulado «Beja, terra de missão», e que foi publicado no «Boletim de Informação Pastoral» de Maio de 1959. Embora como é natural, especialmente preocupado com a larga descristianização do Alentejo, o autor não deixou de apontar outros aspectos característicos do panorama humano da região: a frequência dos atentados contra a existência, e a compreensão generalizada ao meio em relação aos que assim sucumbem ao desespero é, sem dúvida, o aspecto mais dramático. Outro sintoma de grave crise social é-nos fornecido pelo conhecimento das «diversões» características da região (expressivamente designadas pelo binomio «taberna-bailhe», e que dão bem a ideia da necessidade imperiosa de evasão num meio sem esperança. Os bailes decorrem, segundo o depoimento referido, sem recintos fechados, impróprios, sem luz, sem ar, sem higiene... quanto à fuga pelo alcool basta referir que em duas terras do concelho de Almodóvar se encontram 14 tabernas para populações de cerca de 600 pessoas. Não será necessário acrescentar mais nada aos tons sombrios do quadro traçado.

Depois desta digressão sumária pela dimensão humana do subdesenvolvimento económico, poder-se-á perguntar se não terá sido exagerada a ligação entre aspectos essenciais da existência humana e as suas coordenadas económico-sociais. Não pretendemos de nenhum modo, afirmar uma relação simplista de causa-efeito entre o contexto económico-social e a pessoa humana; seria, porém, farisaico ignorar a medida real em que as estruturas sociais, as carências ligadas ao atraso económico, podem impedir o completo e livre desenvolvimento do homem, tanto nos aspectos fisiológicos como nos psicológicos.

Por outro lado, dir-se-á que não é fácil resolver os problemas apontados e que a facilidade se encontra apenas na enumeração das doenças, já não no diagnóstico profundo e muito menos no enunciado da terapêutica. Sem dúvida que o subdesenvolvimento é o grande problema da época para os países que ainda o não venceram; sem dúvida que é todo um vasto programa de acção pública que se exige em face da tremenda problemática de uma sociedade que se reconhece subdesenvolvida. Mas a primeira condição da cura é a consciência leal e honesta do que é necessário curar: em face disso, uma doutrina actualizada e vigorosa de progresso social carece de ser elaborada ou claramente explicitada, de forma a se buscarem as implicações concretas nos vários campos da acção social. A uma noção possível de progresso, bem como às suas exigências, se fará referencia em próxima nota.

ECONOMISTA